

RELAÇÕES DE GÊNERO NO QUILOMBO: AS MULHERES DE JURUSSACA E SUAS HISTÓRIVIVÊNCIAS¹

Maria Helena Aviz Dos Reis²

RESUMO

Este artigo, entre tantas questões observadas dentro da comunidade quilombola de Jurussaca, localizada no município de Tracuateua/PA, região nordeste da Amazônia paraense, prioriza as relações de gênero existentes e visibiliza as histórias de vida e as vivências das mulheres em seu cotidiano, conceituado aqui como as *histórivivências* delas e suas (re)construções ou (re)invenções de vida dentro do quilombo. As narrativas delas estão voltadas para a religiosidade, a devoção, a fé e os fazeres dentro e fora da Festa de Todos os Santos, evento originado de uma promessa e acontece anualmente na primeira quinzena do mês de outubro, assim como, os afazeres em seus espaços domésticos fora do ciclo festivo.

Palavras-chave: Jurussaca. Mulheres. *Historivivências*. Relações de gênero.

GENDER RELATIONS IN THE QUILOMBO: THE WOMEN OF JURUSSACA AND THEIR HISTORIES³

ABSTRACT

This article, among many issues observed within the quilombola community of Jurussaca, located in the municipality of Tracuateua/PA, northeastern region of the Pará Amazon, prioritizes existing gender relations and makes visible the life stories and experiences of women in their daily lives, conceptualized here as their histories and their (re)constructions or (re)inventions of life within the quilombo. Their narratives are focused on religiosity, devotion, faith and activities within the Feast of All Saints, an event that originated from a promise and takes place annually in the first fortnight of October, as well as activities in their domestic spaces outside the festive cycle.

Keywords: Jurussaca. Women. Historical experiences. Gender relations.

Data de submissão: 08.05.2024

Data de aprovação: 29.10.2024

INTRODUÇÃO

*A voz da minha bisavó, ecoou criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos de uma infância perdida.
A voz de minha avó, ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.
A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.
A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2008:21-22)⁴*

¹ Usamos esse termo inspirada em Conceição Evaristo e a maneira dela contar suas experiências de vida nas suas *Escrevivências*.

² Professora de História e Antropologia do Centro Universitário FIBRA. Filiação: Universidade Federal Do Pará - UFPA. E-mail: malenaviz.43@gmail.com

³ We use this term inspired by Conceição Evaristo and her way of telling her life experiences in her writings

⁴ O poema *Vozes-mulheres* faz parte do livro *Poemas da Recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo. Lançado em 2008.

Não deixaria de passar por tantas narrativas das mulheres quilombolas de Jurussaca, sem lembrar desse poema de Conceição Evaristo (2008), entre muitos que li, esse me afetou intensamente porque nas linhas dela, li muitas histórias das mulheres de Jurussaca. As gerações que se formam, se partilham e resistem, a enaltecência da presença feminina como referência nas suas poesias, me trouxe inspiração para contar algumas histórias que escutei em dias de campo, dias de festa, dias de rotina, assim como a autora escreve por meio das suas *Escrevivências*, a história de suas ancestrais, bisavós, avós, mães e filhas, deixo aqui, algumas *histórivivências* dessas mulheres que vivem na comunidade de Jurussaca.

Com objetivos de trazer uma discussão em que as relações de gênero e de poder na comunidade quilombola de Jurussaca, estão imbricadas no cotidiano, mantendo a subalternidade e a domesticidade como forma de controle na vida das mulheres. Seja no espaço privado ou no coletivo, dentro e fora da festa, essas relações muitas vezes são naturalizadas, ora pela voz deles, noutras, pela delas.

Isso posto, vi e ouvi, sobre a devoção e a fé delas e deles que saia do espaço familiar e transitava noutros espaços. Dessa forma, procurei saber: quais as histórias de vida e vivências reiteradas no cotidiano e que se constituem enquanto dimensões das práticas culturais e religiosas daquele lugar? Até que ponto a Festa de Todos os Santos media a vida das pessoas, (re)constrói e (re)significa, transmite os saberes ditos tradicionais, demarca lugares e posiciona as relações de gênero?

Percebemos no poema *Voze-Mulheres*, a sensibilidade de Evaristo para contar a história das suas linhagens femininas e como foi importante (re)contar essas histórias pela escrita da memória, um processo fundamental para que outras pessoas pudessem ler, refletir e escrever sobre suas memórias e de suas ancestralidades, assim sendo, seria mais duradoura e possível de compartilhar as histórias de vivências com as novas gerações. A relação geracional é essencial para que seja exitosa esta recuperação e permanência da memória das vencidas.

O poema de Evaristo nos levou novamente aos caminhos do quilombo de Jurussaca, onde escutamos tantas *histórivivências* das mulheres de lá e por algum tempo, a pedido delas, nos silenciámos também. Escutamos vozes interrompidas e silenciadas, gritos abafados e línguas *cortadas*, foram narrativas que nos fizeram repensar esta escrita e nos levaram para a discussão das relações de gênero, a divisão sexual do trabalho e as relações de poder dentro da Festa de Todos os Santos e nos ambientes fora da festa.

A Festa de Todos os Santos é um evento afrocatólico anual, realizado pela comunidade há mais de oitenta (80) anos. A festa surgida a partir de uma promessa feita por um jovem é contada pela voz de d. Fausta e d. Maria José, acompanhadas por seu Jacó. Escutamos como a promessa ficou famosa e arrasta todos os anos, mais e mais pessoas para dentro da comunidade.

A promessa famosa consistiu no compromisso ou juramento de que escapando ao recrutamento obrigatório pela Força Expedicionária Brasileira (FEB), seria feita uma festa em homenagem a São Benedito. Na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a FEB corria o Brasil recrutando jovens para ir à guerra, conhecido popularmente como *pega-pega*. Os relatos de d. Fausta, d. Maria José e seu Jacó concordam, *com os santos nós não brinca não [...]*, o que leva aos detalhes deles sobre os acontecimentos (REIS, 2023).

Esta intensa guerra, pelas linhas do autor da Era dos Extremos, Eric Hobsbawm (1995:35) declara que:

As origens da Segunda Guerra Mundial produziram uma literatura histórica incomparavelmente menor sobre suas causas do que as da Primeira Guerra, e por um motivo óbvio. Com as mais raras exceções, nenhum historiador sério jamais duvidou de que a Alemanha, Japão e (mais hesitante) a Itália foram os agressores. Os Estados arrastados à guerra contra os três, capitalistas ou socialistas, não queriam o conflito, e a maioria fez o que pôde para evitá-lo. Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler.

Contudo, em termos simples como explica Hobsbawm, o grande causador desta guerra foi Adolf Hitler, o ditador que arrastou o mundo para esta dizimação humana, nisso, o Brasil, que vivia na ditadura de Getúlio Vargas⁵, também viajou para o front da guerra (REIS, 2023).

Bem distante da Europa e sem saber o que de fato acontecia com o mundo naquele tempo, os jovens da comunidade quilombola de Jurussaca no município de Tracuateua, no Estado do Pará e de outros lugares do Brasil, não sabiam o que fazer para se livrar desse recrutamento. Destarte, em meio a tantos anseios e à beira do desespero dona Fausta diz que,

[...] ele, o Taquiri, já não sabia mais que fazer pra escapar do “pega-pega” e se agarrou com São Benedito que tinha lá na casa dele, que é esse que fica aqui em casa agora e o Manel (seu Jacó) toma de conta, ai ele fez a promessa né, eles eram muito devoto de São Benedito (até hoje nós somos né) [...], é ele (São Benedito) que nos ajuda, Deus e São Benedito.

Dona Fausta silenciou, pensativa olhou para o vazio no chão, como se reconstruísse a cena em sua memória, não demorou muito e falou, como se estivesse murmurando para si mesma – *eu imagino como ele num ficou desesperado pra não ser pego e pediu pra ele e pros outros, que São Benedito livrasse eles do “pega-pega” e se ele fosse atendido, ia dá uma festa pra ele (São Benedito) e pra todos os outros santos que tivessem na comunidade.*

De modo que, a festa de agradecimento se realizou com o que tinham naquele momento, os santos e algumas garrafas de cachaça. Se reuniram na casa do *Taquiri*, rezaram uma ladainha e festejaram a noite toda. O que ficou na memória é a carga de gratidão para os santos que foram responsáveis em cuidar de seu devoto aflito.

1 EMARANHADAS TRILHAS METODOLÓGICAS

É verdade que o emaranhado de trilhas soltas por vezes nos deixa confusa em relação ao que escrever, descrever, escrever e seguir, porque o processo metodológico pareceu-me difícil demais, no entanto, trouxe propostas que levaram em conta, a escuta dessas vozes, com entrevistas semiabertas, questionários e em diálogos informais onde as/os interlocutoras/os falaram o que veio à mente. Sobre as entrevistas, sempre tratei como uma conversa em que direcionei algumas perguntas não tão sistemáticas, mas com objetivo de obter e registrar as experiências de vida individual e coletiva, nos dias de festa e nos dias de rotina depois da festa, mas que estivessem guardadas em suas memórias, de velhos e novos, de homens e mulheres.

Me disponibilizei enquanto pesquisadora, por um trato que trouxesse para as falas, as lembranças em suas infâncias e trajetórias de vida, possibilitando reflexões sem induzi-los no que eu gostaria de ouvir, mas de fato, a liberdade em suas respostas. As entrevistas foram geradas em média de trinta a sessenta minutos, as quais abordavam questões familiares, heranças identitárias e religiosas, convivência comunitária, conflitos sobre terras, outros conflitos, agricultura e meios de economia das famílias, aspectos voltados a vida sociocultural das pessoas.

Nem todas as entrevistas foram gravadas e filmadas, pois algumas pessoas se intimidavam diante da câmera e do gravador, pediam para desligar ou então, não conseguiam responder além de *sim e não*, o que me levou a modificar tanto o local dos encontros, quanto as estratégias de anotar tudo o que pudesse em meu diário de campo para não perder informações das falas. Ressalto que até agora todas as gravações, filmagens e fotos foram permitidas pelos

⁵ Governou o Brasil durante o Governo Provisório (1930-1934), depois como Presidente do Governo Constitucional (1934-1937), seguidamente como Presidente-Ditador durante o Estado Novo (1937-1945), totalizando 15 anos de governo sem interrupções. Acabou renunciando ao cargo em 1945 com a queda de seu regime (NUNES, 2020).

envolvidos, estando cientes e concordando com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para mais, a Etnografia e suas variadas metodologias se apresentam de forma fundamental nesta pesquisa científica, pois contempla a voz das pessoas envolvidas neste trabalho. Por se tratar da escuta dessas vozes, que variam em suas faixas etárias, a Etnografia visibiliza suas relações de socialidades e heranças identitárias no seio da Festa de Todos os Santos e o trabalho de campo como porta aberta para a realidade da pesquisa. Deste feito, o trabalho de campo é uma das fases essenciais para que o processo investigativo siga em dialética. Considerando a Etnografia mediadora desta investigação, pois coloca entrevistados e entrevistador em redes de significados entre um e o outro. Sendo esta, a que lança holofote para as descrições/informações e certamente reverberam novas possibilidades e abordagens no trabalho científico.

Ao conversar e observar a rotina dessas pessoas, lembrei de Lévi-Strauss (1996) e seu texto “Como se tornar um etnógrafo”, e como é o lugar privilegiado de estar etnografando, muitas vezes nos colocamos em uma posição distante, o suficiente para não se envolver (nem sempre acontece), com isso nos tornamos desenraizados, órfãs e órfãos de casa, nunca mais nos sentiremos em casa, em lugar nenhum, porque a Etnografia nos levará para estes lugares por longos períodos. E assim “como a matemática ou a música, a etnografia é uma das raras vocações autênticas. Podemos descobri-la em nós, ainda que não nos tenha ensinado por ninguém” (1996, p.59).

Destarte, escuto na voz de Jucileide (33 anos), o compartilhamento do que a comunidade considera de saberes tradicionais e como vai seguindo na relação geracional das famílias de Jurussaca, seja dentro da festa ou nas atividades diárias com parentes e amigos. Jucileide fala da entrega, da rotina antes e durante a festa – se declara,

[...] eu aprendi com minha mãe desde pequena, a fazer todas nossas coisas antes da festa, até na escola nós falava pra professora que ia faltar porque nos tinha que ir buscar os santos né... a mesma coisa eu faço com minhas duas filha, nós acorda cedo e arruma a casa, depois coloca o chapéu na cabeça e já era... (risos) [...] essa ano a minha mais velha num foi porque tá com menino novo, mas ano que vem ela já volta pra festa de novo. E meu netinho já vai junto também, ele já tá na fila de ser juiz.

A interlocutora informa que por ser mulher não pode ser juíza, assim, sua vontade será realizada por intermédio do seu neto que já está inscrito e aguardando o dia de ser sorteado. Refletir sobre a declaração de Jucileide e como as relações vão se entrelaçando, de geração em geração, abre possibilidades para compreender essas partilhas que chegam às crianças como perspectiva de manutenção e reafirmação desses saberes, nos afazeres do dia a dia, na relação entre avós, avôs, mães, pais, filhas, netas e netos.

2 TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE JURUSSACA: RIO, QUINTAIS, ROÇA E PALMEIRAS DE BABAÇU

No meio do caminho para Jurussaca tinha o rio da Passagem (figura 01), rio de águas amareladas comuns na Amazônia. Rio que alimenta a alma peralta de tantas crianças que se jogam em suas frias águas, sem preocupações de atravessar a infância. Este rio é o que passa nos fundos do terreno do seu Jacó e da d. Fausta, carrega consigo representatividades intergeracionais e afirmação de identidades das famílias (pais, filhas e filhos, netas e netos, bisnetas e bisnetos), pois produzem relações afetivas das pessoas com a terra, com a plantação ao redor, com os animais domésticos e as histórias imaginárias⁶ contadas pelos mais velhos para manter as crianças afastadas do rio, porque se fizer gosto, como diz d. Fausta – *elas*

⁶ História da Mãe D'água, do Curupira, da Mula sem cabeça, Matinta Perera, o Menino do Rio, entre outras.

amanhecem e anoitecem dentro do rio [...], o rio é o que alimenta a memória dos velhos, a infância solta das crianças e dá o sustento para as famílias.

Figura 01: O Rio da Estrada ou da Passagem



Foto: Arquivo da autora (2021)

O quilombo de Jurussaca pertence ao município de Tracuateua, região nordeste da Amazônia paraense. Distante aproximadamente 11 quilômetros da sede do município. O acesso é por estrada de terra que atravessa várias comunidades. Há época de inverno amazônico, a estrada que leva ao quilombo fica praticamente inacessível por conta de grandes lagos que se formam por todo o trecho, causados pelo excesso de chuva. O município de Tracuateua se localiza cerca de 188 quilômetros afastado da capital Belém.

Figura 02 – Plantação de maniva, feijão, maxixe e milho ao lado da casa, no quintal do seu Jacó.



Foto: Arquivo da autora (2019)

A respeito do território quilombola e dos quintais das famílias, o uso da terra é variado, individual e comum – as roças, os quintais e as casas são pertencas familiares, mas algumas casas de farinha, os rios, o barracão e o centro comunitário são espaços coletivos. Há cultivo nos terrenos, em algumas casas visto nas figuras 02 e 03, a roça, a casa de farinha ou o cercado para guardar os animais a noite, é no quintal.

Figura 03 – Casa de Farinha no quintal da D. Fausta e seu Jacó.



Foto: Arquivo da autora (2019)

O quintal tem muito mais utilidade no dia a dia das mulheres quilombolas, o resultado da dedicação delas junto às plantas que estão nos canteiros suspensos ou no chão, ervas medicinais, ervas para tempero gastronômico, verduras, hortaliças e legumes que vão ajudar na alimentação diária das crianças, dos mais velhos e da família toda. Em alguns casos, serve a vizinhança também. O cultivo das plantas em canteiros suspensos é também para proteger da invasão das galinhas e outros animais.

No quintal existem outras atividades, como o manuseio da terra para o plantio de mandioca, milho, feijão, macaxeira, maxixe, entre outras variedades de legumes (figuras 02, e 03). A casa de farinha, pertencente ao quintal, protagoniza relações afetivas de familiares e amigos, crianças e adultos que se reúnem nos dias de torrefação para conversas triviais e brincadeiras. Logo abaixo a figura 4, a visão do quintal.

Figura 04 – A barraca de barro e palha de coco babaçu atrás da cozinha da casa.



Foto: Arquivo da autora (2019)

Essa barraca feita de barro e coberta com palha de coco babaçu, bem acentuada e vista na figura 04 (abaixo), é onde fica o fogão à lenha e o fogo sempre aceso com um pedaço de

madeira queimando lentamente para não o deixar apagar. Ali fica o jirau⁷ e algumas plantas pequenas, é guardada também a lenha seca, o carvão, o milho para alimentar as galinhas, os patos, perus, as marrecas, as galinhas d'angola conhecidas na comunidade como catraias e outros animais domésticos; guardam alguns utensílios domésticos como panelas de barro, peneiras, bacias plásticas, paneiros, tachos e alguidar⁸.

Esses costumes- vistos e vividos nas/pelas comunidades tradicionais como o quilombo de Jurussaca, mantendo a exemplo da barraca de palha (figura 04) a continuidade de suas vivências, são repassados às novas gerações, porque os mais velhos dizem que é necessário para assim ser mantida sua cultura e seus modos de viver. Foi o que me explicou d. Fausta na hora que tomávamos café, *nós precisa passar nossos costumes pros nossos filhos, netos e bisnetos né professora? Por que senão como eles vão saber o que nos passemos pra chegar até aqui? Nossas lutas... Eles precisa valorizar nossas raízes [...]*, com essas colocações de d. Fausta me confirma que as relações intergeracionais existentes na família e com os mais próximos, garante a manutenção de seus saberes e a continuidade de suas existências.

3 RELAÇÕES DE PODER: AS MULHERES DE JURUSSACA E SUAS HISTÓRIVIVÊNCIAS

Vejo ano após ano desde 2010 (quando estive na festa pela primeira vez), que a festa é sempre coordenada por um homem. É por meio de sorteio no sábado logo após a ladainha, que é apresentado o novo juiz, este, será o responsável pela festa do ano seguinte. Isso certamente me causou uma *cuíra* porque eu nunca tinha visto uma mulher ser sorteada para juíza. Foi somente na festividade de 2018 que a curiosidade deu lugar às minhas reflexões, aos questionamentos que foram materializados nas entrevistas.

Ao entrevistar seu Antônio Cristino, rezador oficial e primeira voz da ladainha, pergunto que nunca vi uma mulher ser juíza desde minha chegada na comunidade e ele me responde: *professora, pelo que eu sei até hoje e ouvia meus pais falarem desde criança, eu num era nem nascido ainda, foi que a promessa pra fazer a festa foi feita por um homem pros homens, era eles que iam pra guerra né? Então eu me entendi escutando isso e acho que tá certo né?*

O que responder afinal? quando sou questionada se é certo ou errado na permanência da tal tradição em relação à promessa feita por um homem que pensou em outros homens, para se livrar de uma viagem que incertamente poderia não retornar, a viagem para a grande guerra. Ele pensa como a mãe e o pai o ensinaram, ensinado por seus avós aos seus pais, ensinado pelos tataravôs de seus pais e assim, chega-se até hoje à tradição patriarcal.

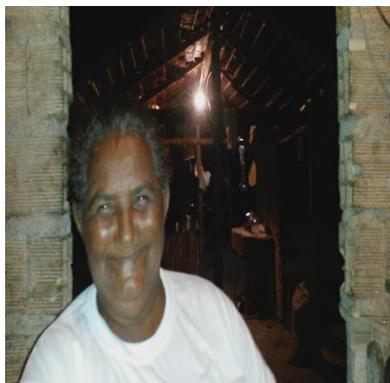
Figura 05 – Mulheres quilombolas de Jurussaca



⁷ Nesse caso, o jirau é o lugar onde são lavadas as louças maiores como panelas, tachos e alguidares e ainda, tratar (cortar) o peixe, o porco, a galinha. A pia dentro de casa é para as louças pequenas e mais frágeis, como copos, pratos, colheres (diário de campo).

⁸ Vasilha feito de argila (barro especial) e usada normalmente para colocar o açaí pronto.

Vicência Araújo (In memorian) liderou quatro gerações. Foto: Dilma Oliveira (2002)



Benedita Araújo, mãe de três gerações. Foto: Arquivo pessoal

Fausta Ramos, lidera três gerações no quilombo. Fotos: Arquivo pessoal



Luzia, lidera duas gerações de filhas, filhos e netos

Maria José Mamedes lidera quatro gerações em Jurussaca



Três gerações – da direita para a esquerda, mãe, filha e neta.

Dias que se luta tanto pela desnaturalização das desigualdades de gênero, da divisão sexual do trabalho, dos diálogos para favorecer as igualdades e fazer o apagamento das diferenças, por tudo isso, a promessa permanece em sua *fase original*, o sistema do patriarcalismo mantém os portões da tradição fechados para que as mulheres tenham o mesmo direito de pagar suas promessas como juízas e não somente como as esposas de juízes, as irmãs de juízes ou as mães de juízes. Escuto desabaços de mulheres que são insatisfeitas por essa questão considerada ultrapassada.

A imagem de algumas mulheres na figura 05 (acima) trazem tataravós, bisavós, avós, mães e netas). Mulheres que já contaram e ainda contam a história das suas gerações dentro de Jurussaca, *históricivências* de suas mães ancestrais que ajudaram a fundarem o quilombo e deixaram as marcas de resistência encravadas em suas descendentes e na linha do tempo tatuado no rosto, nas mãos, no corpo de cada uma delas. São lideranças femininas ativas na luta pela igualdade dos seus direitos que certamente, serão conduzidos por suas novas gerações.

Nestes diálogos sobre os desabaços delas, no tempo das idas ao campo da pesquisa para aplicar as entrevistas e os questionários, encontrei quatro mulheres que considero especiais e corajosas, (não desconsiderando a luta individual das outras mulheres do quilombo). Nas entrevistas⁹ com elas, não se falava apenas da divisão de tarefas, da divisão sexual do trabalho ou da devoção e da fé delas no período festivo, falava-se das crianças, da escola, da roça, da pesca, das filhas que já são mães, dos filhos que já são pais, das suas mães, dos seus pais e de seus companheiros.

Quando a conversa caminhava para a relação de convivência diária com seus pares (maridos), mudava de tom, os risos soltos iam desaparecendo aos poucos e a expressão de suas faces anuviava-se, ganhava melancolia e o olhar baixava em tristeza. Eu sabia que muitas histórias estavam por trás dessas atitudes, com receio de deixá-las constrangidas, perguntava outras coisas triviais, porém, muitas delas queriam falar de suas relações conjugais e como forma de desabaço, expunham suas angústias, medos e receios de que eu viesse a falar da vida delas com outras pessoas da comunidade.

⁹ Eram entrevistas formais e muitas vezes conversas informais, momento que elas ficavam mais à vontade para falar de suas histórias de vida. Mantereí o anonimato para não comprometer suas vidas no lugar onde vivem.

Uma delas tinha vontade de estudar e parou os estudos no atual sexto ano¹⁰, porque na escola de Santa Tereza não tinha o fundamental completo, seu pai não permitiu que ela fosse estudar para a sede do município. Quando se casou, aos dezessete anos, foi morar com a família do marido enquanto sua casa ficava pronta. Pediu permissão ao marido para voltar a estudar¹¹, ele não permitiu, disse à ela quando a casa deles estivesse pronta, ele a deixava estudar. Dois anos e alguns meses depois, o casal já estava morando na casa própria construída no pedaço de terreno doado pelo pai dele e ela, de resguardo da sua primeira filha.

Ela disse que estão casados há catorze anos, tem um casal de filhos (a menina de onze e o menino de sete anos), o marido nunca a deixou estudar, nem trabalhar fora. De tanto pedir que ele a deixasse estudar, ele já se aborrecia e saía de casa quando ela tocava no assunto, passaram os anos e depois que ela teve as duas crianças, desistiu de pedir e aceitou não mais falar no assunto para evitar brigas e desarmonia dentro de casa na frente das crianças. Este foi o argumento usado por ele, ela terminou usando o mesmo argumento para justificar porque não voltou a estudar. Quando perguntei se ainda tinha vontade de estudar, ela respondeu que era o sonho dela se formar no Ensino Médio, mas para que isso acontecesse ela tinha que ficar viúva ou se separar do marido.

Em algumas brigas que tiveram, ele disse que se ela quisesse ir embora, podia, porém tinha que deixar as crianças e não tinha direito nem a casa que foi construída no terreno do pai dele. Ela refletiu se daria conta de cuidar e sustentar as crianças, sozinha, pensou que não tinha trabalho e a única renda era do Programa Bolsa Família, desistiu da separação! Na *histórivivência* desta mulher, o domínio e o poder masculinos foram fundamentais para ter seu sonho esmagado. Primeiro foi o pai dela que a proibiu de estudar na escola da sede, segundo foi o marido que alimentou o sonho dela continuar a estudar e depois da chegada do casal de filhos, arrumava pretextos para não a escutar e para encerrar a conversa, saía de casa.

O que se vê neste caso, é a continuidade de um sistema patriarcal fechado em tradições e permanência de costumes que não se sustentam mais na contemporaneidade. Um sistema patrilinear entendido como transferência de tutoria, quando o pai da mulher a entrega para o marido por meio do pedido de casamento, em um ritual comumente conhecido como pedir a mão da mulher em noivado/casamento. Uma explicação para inflexões constantes quando se trata das amarras patriarcais.

Gerda Lerner (2019) confirma essas amarras patriarcais ao citar as mulheres no século dezoito como subordinadas e dependentes de seus maridos e “[...] parentes homens dentro da família, mesmo sendo consideradas, em especial nas colônias [...]”. Haviam sido excluídas do acesso à educação, da participação e do poder na vida pública (LERNER, 2019:54), de tal modo que, elas por muito tempo se limitaram ao espaço privado da casa, se ocupando das múltiplas tarefas domésticas além do papel maternal, do cuidar das filhas e filhos, trabalho quase todo exclusivo às mulheres. E ainda, quando se tratava de uma relação pautada na patrilocalidade¹², a mulher era induzida (obrigada) a cuidar da família do marido, também, sobrecarregando de trabalho o seu dia a dia muito mais.

¹⁰ Há época que ela estudava, ainda era a quinta série do fundamental. Não tinha sido implantado os nove anos do Ensino Fundamental.

¹¹ No ano que se casou já tinha o Ensino Fundamental completo na escola de Santa Tereza, escola mais próxima da comunidade de Jurussaca.

¹² A Patrilocalidade estrutura o parentesco de modo que a mulher tenha de deixar sua família de origem e morar com o marido ou a família dele. A observação desse fato gerou a suposição de que a mudança no parentesco, de laços matrilineares para patrilineares, seria um ponto decisivo na relação entre os sexos, coincidindo com a subordinação das mulheres. A Matrilocalidade estrutura o parentesco de forma que um homem deixe sua família de origem para morar com a esposa ou a família da esposa (LERNER, 2019, p. 82).

Noutra *histórivivência*, ela narrou os dias de martírio que vieram depois de ter sido aprovada no Processo Seletivo Especial – PSE¹³, quando começou a estudar o curso de graduação em uma universidade pública federal, sentiu as dores de um casamento com mais de vinte anos, fragilizado pelo ciúme machista do seu marido. No início do primeiro semestre ele foi acompanhá-la na universidade, ver como era o local onde ela iria passar a estudar pelos próximos quatro anos.

A dificuldade maior foi com o transporte, eram quatro¹⁴ conduções para chegar até a universidade, ela chegava de volta na sede do município as vinte três horas aproximadamente, algumas vezes o marido ia buscá-la de moto ou bicicleta porque ele não permitia que ela pernoitasse na casa da prima dela. Quando ela perguntava se podia dormir – segundo relatos dela, ele respondia: *mulher casada que dorme fora de casa é um passo pra colocar chifre no marido, e os amigo inda vão ficar encarnando em mim que num dominu minha mulher*. Ela então se calava, chegava em casa por volta de uma hora da madrugada quase todos os dias.

Com a intensificação das atividades acadêmicas extraclasse ela perdeu o ônibus dos estudantes que leva para Tracuateua e teve que dormir na casa de uma colega da faculdade, retornando ao quilombo somente a noite do outro dia. Durante o dia, conseguiu falar com sua filha e pediu que avisasse ao pai o ocorrido e quando retornasse explicaria com calma. Ao chegar em casa o marido a recebeu com extrema ignorância, na frente das filhas perguntou se ela tinha gostado de *trepar com outro*.

Ela disse que ficou tão surpresa com a reação dele e nada falou, foi para dentro do quarto, iria tomar banho e descansar porque já passava da meia noite e precisava dormir porque no outro dia tinha *farinha pra fazer*. Ele foi atrás dela e quando chegou dentro do quarto, a puxou pelo braço, rasgou sua roupa com violência e a fez manter relação sexual à força, ela chorou em silêncio, sofreu as dores de ser abusada e sentir-se impotente diante da situação, porque suas filhas estavam na sala e não podia gritar. No final da agressão sexual, o marido *determinou* que ela não iria mais estudar, se desobedecesse, ela podia pegar as coisas dela e ir embora!

Ao amanhecer, ela saiu para a casa de farinha com as filhas, sentiu alívio ao saber que ele não as seguiu. Na casa de farinha falou para as filhas que iria se separar do pai delas, iria para a casa da sua irmã que morava em outra comunidade, perguntou se as filhas queriam ir com ela ou ficar com pai, as meninas concordaram em ir com a mãe para a casa da tia. Nesse dia, ela não foi para a universidade porque terminou de fazer farinha muito tarde e não deu tempo, e ainda precisava falar com sua irmã sobre a separação e pedir *agasalho* na casa dela até conseguir um lugar para ficar com as filhas adolescentes.

Quando chegaram de volta em casa no final da tarde, o marido não estava, aproveitaram para ir arrumando as roupas e depois voltariam para buscar as outras coisas maiores. Já se aproximava das vinte e uma horas quando ele chegou em casa e foi perguntando por que o jantar não estava pronto, uma das meninas respondeu que chegaram tarde e não tinha dado tempo para cozinhar, então ele olhou para a esposa e disse para ela fazer comida porque estava com fome ao que ela respondeu se ele quisesse comer, ele mesmo fosse fazer a comida dele. Isso o deixou bastante irritado e partiu em direção a ela com o braço erguido para esbofeteá-la, as filhas correram para segurar o pai enquanto ela ia na cozinha pegar uma faca para se proteger.

¹³ A criação dessas vagas visa promover o acesso para grupos cuja possibilidade de ingresso nas universidades públicas é dificultada por sua cultura e modos de vida próprios, e que foram historicamente excluídos de diversos espaços da sociedade brasileira. Assim, a política de ações afirmativas para indígenas e quilombolas tem o objetivo de reparar injustiças históricas que foram cometidas sobre esses povos. <https://wp.ufpel.edu.br/naaf/politicas/indigenas-e-quilombolas/>. Acesso em 23 novembro 2022.

¹⁴ Ela saía do quilombo de bicicleta ou de moto quando conseguia carona com algum amigo do marido, até a sede do município quando pegava a segunda condução, o ônibus da secretaria de educação do município que levava alunas e alunos universitários e de curso preparatório até o município de Bragança onde ficava a universidade. Eram quatro conduções (Ida e Volta).

Com receio de coisa pior acontecer, ela e as filhas foram embora na mesma noite. Caminharam cerca de quatro quilômetros até chegar na casa da irmã, já era madrugada, estavam extremamente cansadas, deitaram-se e dormiram com o coração descansado por não sentirem ameaçadas. Porque, ao proteger a mãe da violência que ele ia cometer, o pai ficou muito bravo com as filhas e quis espancá-las também. Naquela noite, ela sabia que sua vida daria uma volta de trezentos e sessenta graus, pois não voltaria a morar com o marido, iria procurar um trabalho de meio período para sustentar as filhas, procurar uma casa para morar e continuar as aulas na universidade. Afinal de contas, o ingresso na universidade foi o *pivô* da separação e isso ela ia agradecer pelo resto da vida, pois de outra maneira, a vida dela e talvez das filhas, fossem silenciadas para sempre pelo imperioso machismo do marido e pai.

Esta narrativa, por dias e dias me deixou pensativa, angustiada e com a sensação de impotência, porque na minha correria diária de cumprir a agenda da tese, não tive a sensibilidade para a acolhida dessa e das outras mulheres de Jurussaca que engolem diariamente suas dores, seus sonhos, seus gritos. Muitas vezes elas dizem, que a força delas vem das filhas e filhos, o cuidar, não abandonar e superar as dificuldades por eles, é um compromisso maternal que não as abandona. Quando podem, partilham suas *histórivivências*, uma com as outras, se confortam em suas relações de apoio e se sustentam entre si. São mulheres estrategistas e resistentes ao poder machista que tenta subalternizá-las e silenciá-las em suas buscas por igualdade de direitos.

Diante do processo histórico patrilinear construído e fortalecido por gerações, a mulher foi submetida aos desmandes desta sociedade que a desvalorizou e a deixou invisibilizada, silenciada e extremamente usurpada da sua dignidade, sequer pensava em lutar por melhores condições, seu bem-estar e a igualdade de direitos. A *naturalização* da desigualdade imposta pelo patriarcalismo, não permitiu que os homens se aproximassem do universo doméstico e do cuidado com suas filhas e filhos, provavelmente se desta maneira fosse, menos sobrecarga a mulher teria em seus afazeres diários.

Para Hirata e Kergoat (2007, p. 3), “essa tomada de consciência de uma “opressão” específica que teve início o movimento das mulheres: torna-se então coletivamente “evidente””, a necessidade urgente de enfrentar a resistência masculina nos espaços públicos, institucionais e privados, porque a grande massa trabalhadora feminina trabalhava/trabalha gratuitamente e, esse trabalho é invisível, “realizado não para elas, mas para os outros, de forma que a carga de trabalho é sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno” (Ibidem). Em relação a isso, pode-se medir a dimensão que ainda deve ser perseguida para retirar dos mapas de exclusão, a história silenciada das mulheres, ora subalternizadas e oprimidas, em outro momento, pelejadoras na corrida para a desnaturalização das desigualdades.

Nesta correria para avançar na historiografia das mulheres desentrincheiradas, desafogadas e emergidas de um sistema patriarcal brutalmente violento e voraz, compartilho mais um relato das mulheres de Jurussaca que conseguiram/conseguem transformar dias dolorosos e difíceis em dias descontraídos e de esperança. Escutei uma jovem extrovertida e de riso fácil, buscadora ativa de santas e santos desde criança, é devota de São Benedito e Santa Maria, casou-se com dezesseis anos, seu marido, treze anos a mais que ela.

Na época do casamento, estudava o primeiro ano do Ensino Médio e queria chegar ao nível superior para se formar em jornalismo e trabalhar viajando, fazendo reportagem de cidade em cidade, era o sonho dela. Contudo, alguns meses depois, o marido começou a reclamar que ela nunca estava em casa para preparar o jantar, pois ele alegava que chegava cansado demais do trabalho e não podia fazer tal tarefa. Ela estudava no turno vespertino e, portanto, chegava da escola a noite, próximo das dezenove horas e trinta minutos. Era vendedora autônoma de catálogos *Avon* e *Natura*, fazia suas vendas pelo período da manhã logo após arrumar a casa e deixar o almoço pronto, porque quando voltava, era em cima da hora para ir à escola. Algumas

vezes, ela tentou fazer almoço a mais e deixar para o jantar, porém, o marido gostava do jantar preparado na hora.

Vieram as primeiras discussões ao casal que ainda ressecava uma lua de mel, ele insinuava que ao concluir o Ensino Médio tudo iria ficar melhor porque ela já não precisava mais ir à escola, ao que ela respondia – *vou continuar meus estudos porque quero entrar em uma universidade e me formar em jornalismo*, ele retrucava e dizia que após a conclusão do Ensino Médio ela não iria mais estudar porque teriam filhos, *ele já estava esperando muito tempo por isso*. Ela disse a ele desde antes do casamento, não queria ter filhos ainda, primeiro queria se formar.

Perguntei a ela por que se casou tão jovem se não pretendia ter filhos e tinha o sonho do jornalismo? Relatou um pouco ao me responder, mas de cabeça baixa confidenciou que precisava se livrar do seu pai. Era ciumento demais, somente com ela, era a única mulher de quatro irmãos, quando ela falava para a mãe sobre o ciúme exagerado do pai, sua mãe sempre dizia que era zelo pela única filha e a caçula dele, assim encerrava a conversa.

Um dia ela estava tomando banho¹⁵ e o viu olhando-a entre as frestas das tábuas que cercavam o banheiro. Em outra ocasião, estava trocando de roupa para ir à escola ele entrou no quarto sem bater na porta, ela estava despida da cintura para cima e colocou as mãos para cobrir os seios, ele continuou na porta, parado e olhando para ela. Depois do susto pela abertura brusca da porta, ela pediu que ele se retirasse do quarto dela, ele respondeu: *eu sou teu pai e tu não tem que ter vergonha de mim*; ela disse a ele que tinha vergonha até da mãe dela e gritou por sua mãe. Ele fechou a porta rapidamente e se foi, sorrateiramente.

Diante dessas situações ela não conseguia desabafar com sua mãe e muito menos com seus irmãos, ficava com receio que não acreditassem nela. Não se sentia segura em falar com as amigas na escola, ficava envergonhada. Começou a tomar banho de calcinha e sutiã, às vezes esperava o momento que ele não estava em casa para fazer isso. Quando chegava a hora de dormir, colocava uma tampa de panela na porta, caso ele abrisse de noite, ela acordaria. Uma noite foi a mãe dela que abriu a porta, a tampa caiu, ambas levaram um susto muito grande e a mãe perguntou por que ela tinha colocado aquela tampa na porta? ela ficou calada, não sabia o que falar. A mãe não insistiu para saber a resposta, simplesmente encostou a porta e saiu.

Depois que ela começou a namorar com o atual marido, seu pai não permitiu, ficou bravo, mas a mãe insistiu muito para que ele permitisse, arranjou o argumento que se fosse proibido ela poderia não obedecer e namorar escondido. Ela tinha pressa de sair de casa e se agarrou nessa oportunidade, quase um ano depois, já estavam casados. Para ela era a primeira vez, ele, já era o segundo casamento.

Ela tinha uma certeza, não queria mais voltar para a casa da mãe e do pai, sabia que precisava ter paciência com o marido e ir *enrolando* até onde pudesse. Disse que precisava arrumar estratégias para manter esse casamento até ter condições de caminhar sozinha, para isso teria que arrumar um trabalho fora da comunidade, às vezes sentia remorso porque gostava do marido, *ele é bom, mas é muito enjoado e exigente*. Uma certeza ela deixou no olhar, se tivesse que escolher entre um casamento e os estudos, certamente iria perseguir o sonho para ser jornalista.

A relação afetiva filha-pai, é rompida a partir das ações *suspeitas* do pai tentar *naturalizar* a nudez da filha diante dele, do espreitamento no banheiro e a perda da confiança nele, a omissão/submissão de sua mãe, são características impostas por um sistema patriarcal escravizador que se sustenta desde a primeira metade do segundo milênio antes da Era Cristã, segundo Lerner (2019, p. 230), um patriarcado com evidências históricas que prevalecia “entre as tribos semitas do Oeste nos documentos dos arquivos reais de Mari, datados de cerca de 1800

¹⁵ O banheiro ficava no quintal, ao lado da casa e era cercado por tábuas, sem cobertura, com um balde grande para encher de água. A água era trazida de um poço aberto também no quintal.

a.C”, um passado fincado na terra natal de Abraão e que ofereceu muitas informações sobre a vida das famílias e dos costumes, transmitidos por gerações patrilineares até nossos dias.

Ao pensar em sair das armadilhas que seu pai construía, esta mulher (uma menina na época) de Jurussaca procurou por alternativa que a libertasse do pesadelo de ser abusada, molestada sexualmente. O casamento foi a estratégia que lhe permitiu pensar em outra vida mais confortável, porém, com um pouco mais de seis meses casada, começou a viver outro pesadelo, a convivência diária com um marido ciumento e controlador. Mais maduro e vindo de um casamento anterior sem filhos, persegue nesta mulher o desejo de realizar a paternidade, no entanto, o sonho dela é continuar os estudos.

Não sei que caminho esta mulher seguiu, até gostaria de encontrá-la novamente, saber se conseguiu seguir seus sonhos, se alcançou seus objetivos e se quebrou os grilhões da dominação masculina. Para esta mulher, sempre deve existir uma estratégia de se desviar desta dominação instaurada por séculos, mas que a partir da nossa resistência e luta pode-se reconhecer muitas conquistas e transformações nas relações de gênero e na divisão sexual do trabalho, ou seja, a partir dessas transformações e conquistas as bases dominantes do patriarcado se desestruturaram.

Uma das mais importantes conquistas das mulheres foi o acesso à educação, com as portas abertas para a educação básica e superior, o que favoreceu sua visibilidade social, inclusive com maior autonomia sobre a escolha do casamento, do divórcio e uma certa independência sobre a relação masculina (BOURDIEU, 2002), com estratégias ou *arranjos* estabelecidos na relação conjugal.

Outra protagonista dessas *históricivências* escondida em território quilombola é de uma mulher que não conheci, mas escutei por intermédio de sua prima, a vida que ela (re)inventa para esperar por uma transformação que traga felicidade e bons momentos. Sua prima resolveu contar a história de vivência porque acompanha há mais de seis anos como ela sobrevive ao autoritarismo e ao desrespeito do marido machista. Ela tem duas meninas e dois meninos com a faixa etária de seis a quinze anos de idade, é vendedora autônoma de picolés e sorvetes em sua própria casa, além de fazer peças artesanais de crochê, guardanapos e bonecas de pano, pintar e bordar outros tecidos.

Conta que o marido da prima é tão opressor que ela não pode cortar o cabelo sem a permissão dele, não pode ir à casa da mãe dela sem pedir a permissão dele, não pode comprar uma calcinha sem a permissão dele. Mesmo ela vendendo as coisas dela, ele sempre fala que esse dinheiro *não dá pra ela se sustentar um dia*. Nos finais de semana ele sai para o bar ou para o campo de futebol com os amigos e quando ela pede para ele comprar alguma coisa que está faltando em casa, ele diz para ela que não tem dinheiro. Quando falta as coisas para as meninas e os meninos é a mãe e o pai dela que ajudam.

Em alguns dias quando ele chega bêbado e tem alguma coisa que não o agrada, ele se torna agressivo, violento com ela e as crianças. Para evitar que as crianças vejam ou sofram violência nesses dias, ela deixa na casa da mãe e do pai ou na casa de alguma vizinha que escuta o barulho e corre para levar as crianças, no entanto, ao tomar essa atitude, ela fica mais vulnerável, porque ele chega a agredi-la fisicamente, inclusive violência sexual (estupro conjugal). Ela já quis se separar muitas vezes, mas ele não deixa! Diz que se ela sair de casa não vai levar nem a roupa do corpo, imagine os filhos, e se ela não for dele não vai ser de mais ninguém. Diante dessa exposição, ela vive coagida, refém dentro da sua casa, com a porta aberta, mas acuada e enjaulada.

Pergunto por que ela não denuncia e faz boletim de ocorrência na Delegacia da Mulher ou na Delegacia Geral, contra ele e a violência que pratica com ela e os filhos? Falei sobre o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que tem contribuído bastante para o fortalecimento do combate à violência contra a mulher e as Jornadas Maria da Penha, que junto ao CNJ criou um

espaço de promoção de debates, troca de experiências, cursos, orientações e diretrizes, voltados à aplicação da Lei 11.340/2006 (Maria da Penha) no âmbito do Sistema de Justiça (CNJ, 2022).

A prima responde que ela tem medo dele fazer alguma maldade com ela e as crianças, de tornar a convivência mais difícil porque sabe que ele não vai desistir de persegui-la. Violentada todos os dias, seja física ou psicologicamente ela se fortalece na rede de apoio das outras mulheres de Jurussaca, sensibilizadas, estas ajudam como podem, desde o cuidado para ficar com as crianças às vendas dos bordados, picolés e crochês.

Durante o dia ela sai¹⁶ para vender seu artesanato, quando as crianças estão na escola. Havendo necessidade, as vizinhas cuidam das crianças menores. Entre todas as dificuldades experienciadas na sua vida de esposa coagida, no ano de dois mil e dezenove ela encontrou estratégias ou uma fuga para suavizar seus dias. Aconteceu um campeonato de futebol na comunidade, vários times vieram de outras localidades para participar e naquela tarde um rapaz foi até a casa dela pedir água para beber, o primeiro olhar foi de encanto, ele para ela e vice-versa, marcaram de se encontrar, se desse, na festa que aconteceria após o encerramento do campeonato. Neste intervalo, o marido dela não estava em casa, se ocupava com o time dele que iria jogar.

Neste dia, após o término do campeonato, teve tanta bebedeira que o marido não aguentou e foi dormir muito bêbado. Ela não foi para a festa, porque os amigos do marido podiam falar para ele e a briga seria muito violenta. Como o rapaz não a viu na festa, foi novamente pedir água, já estavam todos dormindo e ela saiu para encontrar com ele no quintal da sua casa. O quintal não era cercado e ela se escondeu atrás de uma mangueira, caso alguém passasse por ali, ela não correria o risco de ser vista.

Daquele dia em diante ela arrumou estratégias para encontrar com ele uma vez por semana, geralmente aos finais de semana quando o marido dela estava bêbado e dormia cedo. O rapaz sempre aparecia no início da noite e ficava monitorando o marido dela, se percebia que estava muito bêbado, ficava a esperá-la atrás da mangueira no quintal. Passaram-se dias, semanas e meses nesta rotina, o rapaz era mais jovem e solteiro, porém, não era visto como problema pois ele a enchia de carinhos, sempre levava um presente ou perguntava se estava precisando de alguma coisa, se colocava à disposição caso ela viesse precisar. Estavam apaixonados, enamorados e cúmplices.

Ela confidenciou esse romance com algumas mulheres que a aconselharam para ter muito cuidado, caso o marido dela descobrisse, seria uma fatalidade, com certeza! Ela disse ser cautelosa e seria a forma dela se vingar de todas as formas de violência que o marido cometia com ela. Disse que ficam muito atentos aos movimentos dos amigos do marido dela e principalmente aos passos dele. O rapaz já propôs levá-la para morar com ele na outra comunidade, ela e as crianças, entretanto, ela não tem coragem ainda para se libertar desse casamento usurpador. Os encontros não são mais frequentes porque devido não ter área de cobertura para celular, a comunicação fica difícil entre eles, visto que, não podem confiar em outras pessoas para mandarem recados.

De dois mil e dezenove até o dia da entrevista no primeiro semestre de dois mil e vinte dois ainda estavam juntos, se contentam com um dia na semana para fazer esse amor proibido existir. Acredito na fala dessa mulher em relação a se vingar do marido pela violência que pratica com ela, entretanto, acredito que para se manter um relacionamento desse, no anonimato, traduz o preenchimento de sentimentos que ela não encontra dentro do casamento oficial, as sequelas e as cicatrizes abertas por uma vida rotineira cheia de agressão são atenuadas pela forma de viver fora do casamento, a doação, o amor e a cumplicidade de uma mulher

¹⁶ Ela sai escondido do marido, caso ele apareça sem avisar no horário que ela esteja fora, as vizinhas dizem que ela foi na reunião da escola. Isso é combinado previamente entre elas. Ele trabalha às proximidades de Jurussaca. Em uma fazenda na comunidade de Santa Tereza.

madura cheia de resistência e persistência com um rapaz cheio de sonhos e esperança para um recomeço.

A *histórivivência* dessa mulher narra tanta perversidade do cônjuge, uma delas é a dificuldade que ela tem de conseguir dinheiro com o marido para providenciar alimentação e cuidados com as filhas e filhos, ele só dá quando quer e se ela reclamar corre o risco de apanhar, desabafa. Para amenizar essa situação ela vende variedades em casa, conseguir algum dinheiro e não deixar faltar as coisas. No tocante a esta situação, na cidade de Paris do século dezoito, as donas de casa dependiam do salário de seus maridos e quando reclamavam, eram espancadas. Perrot (2017, p. 175) expõe que elas se queixavam ao comissário de polícia – “reclamam que seus maridos não dão o necessário para a subsistência dos filhos. [...], em 1831, em plena crise, fecha os serviços de assistência às mulheres e crianças, para reservá-los aos homens, [...]: do que viverão?”.

Com esses questionamentos na cabeça, retorno do quilombo para casa refletindo e me perguntando se essa prima existe mesmo ou foi a maneira dessa mulher desabafar sem se comprometer com a narrativa forte de sua vida. Seria vergonha ou falta de coragem para contar sua *histórivivência*? Será que ela tem medo de ser julgada por seus atos adúlteros? Quem a julgará? Ninguém deverá julgar a vida de outra pessoa, conhecendo ou não sua vivência. A violência que invade todos os dias a vida dessas mulheres de Jurussaca não poderá ser banalizada, silenciada e nem julgada por este poder patriarcal.

O trabalho doméstico, praticamente não é compartilhado entre os homens e as mulheres, parece continuar desde a origem dos tempos, da noite das cavernas “à alvorada dos conjuntos habitacionais de brancos e negros, mas ele muda em suas práticas e seus agentes” (Perrot, 2008, p. 115), de fato, a divisão sexual do trabalho parte do princípio que os homens são responsáveis por uma carga maior ou mais pesada, o trabalho que eles consideram produtivo como a roça, a pesca, a pecuária, enquanto as mulheres cuidam da casa, do quintal, a criação de pequenos animais e produção de hortaliças para consumo, visto pelos homens como não-trabalho, uma oposição expressa entre o roçado e a casa (NOBRE, 2005), não se pode esquecer o cuidar, ser a mãe de família, da maternidade e a proteção dos filhos em terras de quilombo.

A religiosidade delas segue pelos caminhos do sagrado e forja a igualdade de gênero dentro da Festa de Todos os Santos, promove uma *igualdade* espiritual forçadamente diante do afrocatolicismo popular que envolve a festa, isso porque as religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre elas e eles, um dos seus fundamentos – o poder sobre as mulheres (PERROT, 2008). “O catolicismo em princípio, é clerical e macho, à imagem da sociedade de seu tempo. [...] Eles detêm o poder, o saber e o sagrado” (Perrot, 2008, p. 84), para elas ficam as preces, a limpeza dos templos e a busca pela santidade. As mulheres de Jurussaca são devotas, cozinheiras, promesseiras e fazedoras de batida¹⁷. Batida de frutas sazonais, porque são dias de festa dentro do quilombo, quando elas saem da vida cotidiana e experimentam intensamente, a vida festiva religiosa e profana (DURKHEIM, 1968).

Na voz de Luzia e Lôra, *isso é muito divertido, porque nós sai de casa e vem trabalhar na festa pra esquecer os problema de lá e aqui a gente brinca e se diverte o tempo todo, porque nós ajuda uma a outra*, é a sororidade que alcança as mulheres dentro da festa e, embora eu veja como diferença de gênero e desvalorização do trabalho feminino nos dias festivos, elas me mostram outras formas de sentirem-se valorizadas e não segregadas, felizes. Atitudes as quais a teórica feminista Bell Hooks (2018) chama de uma *sororidade poderosa*.

4 CONSIDERAÇÕES (FINAIS?)

¹⁷ Bebida alcoólica feita com cachaça e frutas como abacaxi, maracujá, limão e outras frutas sazonais. Elas preparam sempre um dia antes do início da Buscação dos santos, colocam para gelar e levam para consumir durante a caminhada. Na Deixação dos santos não se vê esses preparativos com frequência.

Esse trabalho que sai do espaço doméstico, invade o lugar da festa, é resistente às evoluções igualitárias entre elas e eles, sendo uma premissa desmistificar a *naturalização* da divisão sexual do trabalho e das diferenças de gênero em Jurussaca. No que diz respeito à Festa de Todos os Santos, nos faz refletir sobre as relações hierárquicas e de poder estabelecidas no período festivo. Ao olhar para a complexidade dessas relações de gênero sem a sensibilidade de entender a dinâmica como se (re)produzem nesses lugares é olvidar-se de um processo patriarcal assolador, secular e culturalmente naturalizado.

As relações de gênero estabelecidas na sociedade e colocadas como *naturalizadas*, são oriundas de um poder dominador e normatizador das diferenças. No entanto, o protagonismo, a solidariedade e a luta levantadas pelas mulheres de Jurussaca, pela igualdade de direitos não é invisível, nem estático. As estratégias de valorização e *históricivivências* dessas mulheres, são reforçadas por encontros mensais no centro comunitário, participação em eventos fora do município, é o coletivo de mulheres (re)construindo sua história e seu cotidiano.

No bojo dessa discussão, reflito sobre a possível continuidade das diferenças nas relações de gêneros que se abriga em Jurussaca. Evaristo endossa esse texto sobre as mulheres de Jurussaca, quando expõe a força e a luta cotidianas de uma mulher negra, esperançosa em dias melhores, dias que a voz das mulheres negras ecoará e será escutada. Dias em que a esperança vai abraçar a nova geração, destemida, derrubará as paredes do labirinto do silêncio e a memória dessas mulheres ancestrais, será (re)escrita.

Escrevivências escritas pelas falas de Evaristo em suas experiências individuais, familiares e coletivas, (re)contarão as experiências vividas. As mulheres de Jurussaca (re)construirão suas *históricivivências* dentro da comunidade. Terá chegado então, o tempo que esse sistema patriarcal destroçador de vidas femininas pretas e brancas, caminhará tropeçando pelas estradas da igualdade de gênero, do trabalho e dos direitos feministas?

Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maia Helena Kuhner. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DURKHEIM, E. – 1979 – **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ática.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2017.

HIRATA, Helena; Kergoat, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set. 595-609, set./dez. 2007.

HOBSBAWM, Eric John Ernest, 1917- **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991** / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric John Ernest, 1917- **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991** / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LERNER, Gerda, 1920-2013. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens** / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NOBRE, Miriam. Faria, Nalu. Silveira, Maria Lúcia. **Feminismo e Luta das Mulheres: análise e debates**. Sempreviva Organização Feminista (SSOF). SOF: São Paulo, 2005.

NUNES, Aurimar Jacobino de Barros. **O Itamaraty e a Força Expedicionária Brasileira (FEB): o legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa** / Aurimar Jacobino de Barros Nunes. - Brasília: FUNAG, 2020.

REIS, Maria Helena de Aviz dos. Nos caminhos do sagrado: a devoção e as relações geracionais e de gênero na Festa de Todos os Santos no quilombo de Jurussaca, Pará. 2023. **Tese de doutorado**, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – PPGA, Universidade Federal do Pará – UFPA. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em 11/11/2022.